

E. LAPA CARNEIRO

Da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia

O P A P A G A I O

Pequena contribuição para o seu estudo em Portugal

★

O ESTUDO DAS NOSSAS TRADIÇÕES



0.7(469)(04)

R

BARCELOS

1 9 6 4

E. LAPA CARNEIRO

Da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia

O P A P A G A I O

Pequena contribuição para o seu estudo em Portugal

★

O ESTUDO DAS NOSSAS TRADIÇÕES

Ao Ex^{mo} Sr. Luís Monteiro

*Pedras ofereço com a melhor
estime*

Lapa Carneiro

(000-0) CIV e (000-0) ANT e (000-0) Etnologia e Antropologia

BARCELOS

1 9 6 4

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 68407

Barceliana

Estes artigos foram publicados no *Jornal de Barcelos*, n.ºs 745 (16-7-64) a 748 (6-8-64)

Explicação

Era muito fácil, sem dúvida, refundir os três artigos presentes sobre o papagaio, de maneira a ordenar melhor os elementos reunidos. (A razão por que não se lhes deu tal arranjo, quando foram redigidos, eles a mostram.) Isso implicava, porém, nova composição tipográfica, e, portanto, substancial encarecimento do custo da separata. Como, além disso, os artigos são pequenos, parece que não se praticará falta imperdoável publicando-os segunda vez da mesma forma (espantando as gralhas, claro está).

O P A P A G A I O

1 — Pequena contribuição para o seu estudo em Portugal

ACABO de ler a excelente monografia *Le jeu du cerf-volant en Wallonie* (1), de Roger Pinon. Que eu saiba, o *papagaio* não teve ainda entre nós a honra de um estudo. Com efeito, F. C. Pires de Lima, nas palavras que lhe dedica em *Brinquedos Tradicionais* (2), apoia-se exclusivamente em bibliografia estrangeira. (3) Esta será a razão, ao que supponho, por que menciona tão-só os nomes *papagaio* e *estrela*, muito generalizados.

No intuito de facilitar a tarefa de quem, amanhã, empreenda o estudo deste brinquedo em Portugal, vou registar, em ligeiras notas, algumas informações obtidas casualmente, e talvez não desprovidas de interesse.

Eu conhecia-o, até há poucos anos, apenas por *papagaio* ou *estrela*, e, se bem me lembro, na Póvoa de Varzim, cada um destes nomes correspondia a uma das duas formas mais vulgares do brinquedo (distinção que ainda não vi escrita):

papagaio: «losango» alongado para baixo; *estrela*: hexágono irregular.

Aqui em Barcelos (onde simplesmente me falaram de *papagaios* de tipo plano: hexagonais, octogonais e rômnicos), verifiquei que, entre as crianças do povo, ele é conhecido só por *canoá*. À primeira vista, pelo menos, parece que este nome resulta da comparação com uma espécie de frigideira comprida, e não com qualquer embarcação. A um único informador ouvi a designação *rabo de galo*, mas, como digo acima, não pesquisei. Conforme mais de uma vez tive ocasião de observar, falando às crianças num brinquedo chamado *papagaio* ou *estrela*, elas não sabem o que é. Embora pareça estranho, por denunciar uma impermeabilidade que em relação a outros factos não se verifica, encontrei também filhos de burgueses que desconheciam a designação *canoá*, em favor das duas mais difundidas.

Em Esposende o brinquedo é vulgarmente conhecido por *zoeira*. Poderemos, deste nome, concluir que dantes usavam ali colocar no *papa-*

gaio alguma peça que produzisse zumbido? No Oriente há a tradição dos *papagaios* musicais, diz R. Pinon. Acrescenta, numa nota, que lhes prendem flautas, assobios, papéis fortes que fazem zumbidos, etc.. Em Liège os fabricantes susperdiam guizos. Informa ainda este autor que nalgumas províncias russas existem também *papagaios* musicais. (*Ob. cit.*, pp. 492 e 508). Citando Yrjö Hirn, F. C. Pires de Lima dá-nos mais um pormenor sobre o assunto: «Na China utilizam pequenas harpas, que ao voarem provocam uma espécie de música». (*Ob. cit.*, p. 27).

Relativamente a Vila do Conde também tenho alguns apontamentos. Na própria vila chamam-lhe *estrela* (de tipo plano: hexagonal, octogonal, com a forma de barco à vela, de bacalhau, etc.), e em Azurara aparece ainda a denominação *cometa* para um feitio especial: dois triângulos de diferentes tamanhos e «verticalmente opostos». Há o *sol*: hexagonal, muito grande, com fitinhas ou *frocozinhos* à volta. É o que se pode dizer uma *estrela* para adultos, visto que só os homens deitam *sóis*. Pelo contrário, em Vila do Conde o *papagaio* destina-se apenas aos pequeninos, e é um arremedo da *estrela* feito com papel de jornal e três ou quatro piaçabas, ligados no meio uns aos outros; geralmente são as próprias mães dos miúdos que lhes fazem.

Ainda há, em Ermesinde, quem faça o *papagaio* prismático, e este leva o nome de *balão*.

O *papagaio* com o feitio de frade franciscano—*capuchinho*, faz-se em

Portugal e em Porto Rico, afirma R. Pinon (*ob. cit.*, p. 504), baseando-se em Ch. Lebailly, ao que parece. Estaremos em presença dum lapso? Edna Garrido Boggs, citada por F. C. Pires de Lima (*ob. cit.*, p. 29), refere-se a este nome — *capuchino* — nos Estados Unidos e em Porto Rico.

Segundo Câmara Cascudo (4), também no Brasil foram registadas poucas designações: *papagaio*, *coruja* e *raia* ou *arraia* (em alusão à forma romboidal do peixe). Lá, como cá, julgo possível enriquecer a lista. Merece crédito a informação de um vilacondense, que já esteve no Rio de Janeiro como emigrante, e que me disse que aí chamavam *pipa* ao brinquedo — *piparaia*, *pipa-balão*, etc., conforme o feitio. Na verdade, a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* dá, entre outros este significado de *pipa*: «*Bras.* — Brinquedo de crianças, espécie de estrela ou papagaio.»

Em Barcelos, em Vila do Conde e na Póvoa de Varzim conhecem as crianças o divertimento que consiste em introduzir pela extremidade do fio que seguram na mão um pequeno papel furado no centro (por vezes, especialmente quando não desenrolaram ainda todo o fio, dão também um golpe no papel, da margem ao centro), o qual, pela acção do vento, corre até ao *papagaio*, ou até ao primeiro nó do fio. Nas duas últimas localidades chamam a isto *botar um telegrama*, tal como no Brasil e em muitas regiões da Bélgica.

Em Ermesinde prendem os *balões* às janelas. Durante os dias que

assim mantêm um *balão* no ar, em virtude das variações da temperatura e do vento, ele não se conserva sempre à mesma altura, nem com a mesma inclinação: ora se apresenta mais direito, ora mais tombado. (As informações relativas a Ermesinde devo-as a uma única pessoa.)

O tamanho do *rabo* regula-se pela prática: se o *papagaio* «não está quieto no ar, anda de um lado para outro» é porque o *rabo* é pequeno.

E é tudo. Saíram as notas muito ligeiras, como se vê. Isso mesmo, porém, mostrará a necessidade de se realizar uma ampla pesquisa. O investigador português que a tal

se resolva — tem, sem dúvida, na monografia do prof. Roger Pinon um modelo e uma fonte riquíssima de notícias e sugestões. Ao ler ali, por exemplo, algumas linhas sobre o emprego do *papagaio* nas lutas políticas (p. 499), não é difícil lembrarmo-nos de que também o caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) o utilizou nas suas sátiras: «*O papagaio das Reformas*, que o Rei vê por um óculo, do cimo do Palácio da Ajuda, e outro que o bispo de Viseu deita em Espinho». (5)

A meu juízo, o maior, se não o único, defeito do trabalho do ilustre etnógrafo belga reside na falta de ilustrações.

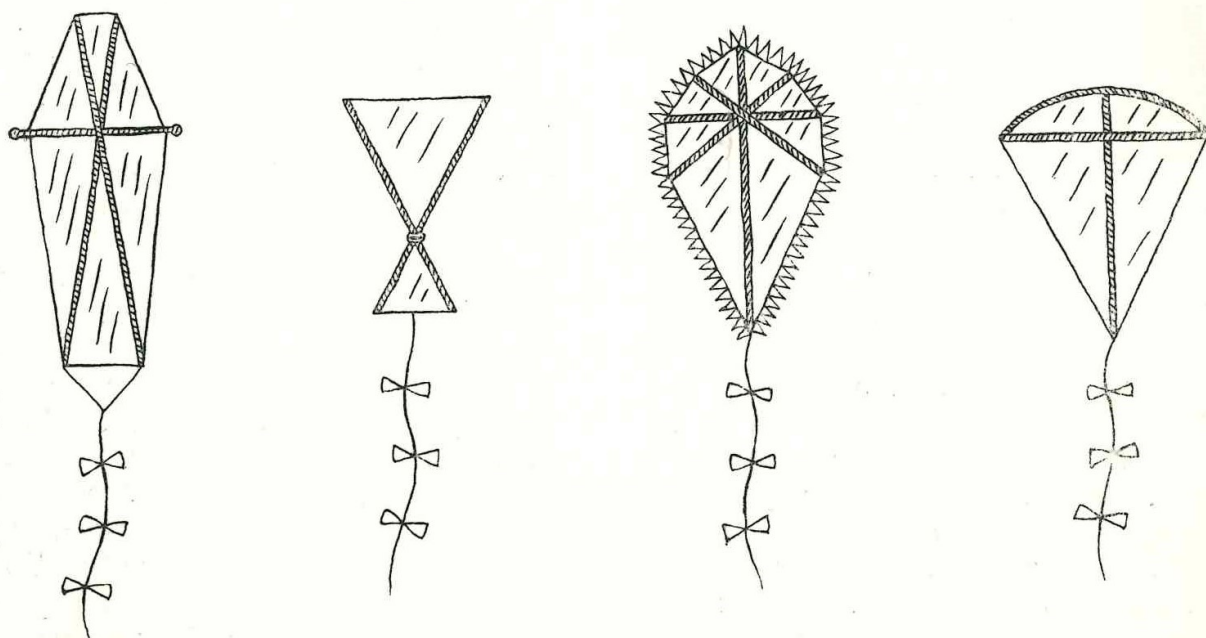


Fig. 1 — Algumas formas do *papagaio*. Da esquerda para a direita: *cometa* de meninos ricos (Vila do Conde), *cometa* de meninos pobres (Azurara — Vila do Conde), *bacalhau* (Vila do Conde), *papagaio* (Condeixa-a-Nova).

A monografia do prof. Roger Pinon, de que falei na semana passada, sugeriu-me algumas considerações sobre a influência do progresso técnico actual na modificação de usos e costumes.

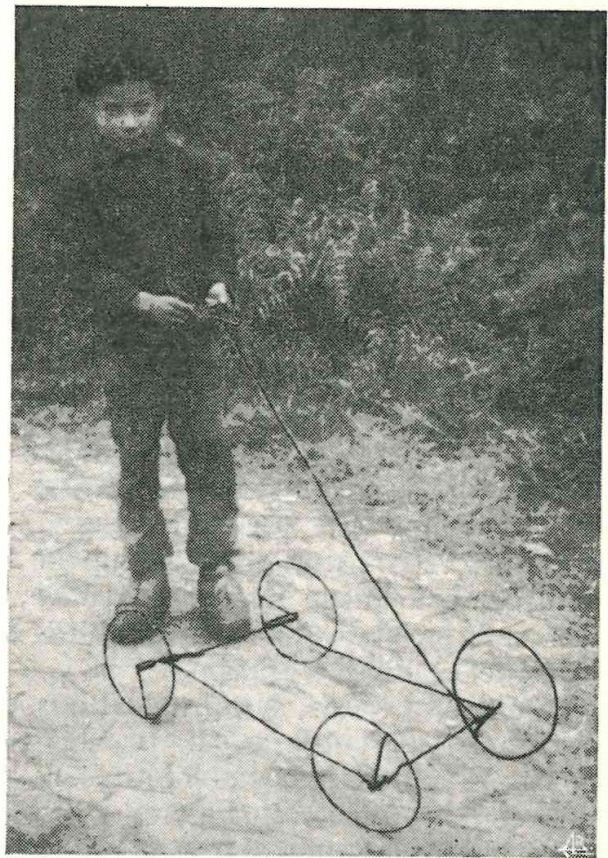
Cá, como na Bélgica, assiste-se ao declínio do *papagaio*. Só cá e na Bélgica? É de crer que não; imagino que, mais ou menos, o fenómeno se fará sentir por toda a Europa, para falar só desta.

E por que perde a popularidade um brinquedo tão recomendado pelos pedagogos do séc. XIX? Com certeza podemos ver nele ainda hoje as virtudes que então se lhe apontavam: colocar a criança em contacto com a natureza, obrigá-la a correr e a saltar, e, quando é ela própria a fazer o seu *papagaio*, aguçá-lhe o engenho e a habilidade. (R. Pinon, *ob. cit.*, p. 499.) Com certeza podemos achar nele ainda outras virtudes, e algumas, se não todas, explicarão o facto de, em certos países, o *papagaio* ser também um entretenimento de adultos. (R. Pinon, *ob. cit.*, pp. 497 e 513.) Mesmo entre nós: Os homens de Vila do Conde que lançam (ou: lançavam) *sóis*, possivelmente sob o pretexto de distrair os filhos, não sentirão (ou: não sentiriam) nenhum prazer com o brinquedo? Soares dos Reis (1847-1889) ainda se divertia com o *papagaio* depois de haver desbastado no mármore uma das mais significativas obras da escul-

tura portuguesa — «O Desterrado», quer dizer: depois dos vinte e cinco anos. Conta Diogo de Macedo: «um dos seus divertimentos predilectos eram as *estrelas*. Tinha uma de pano de linho cru, forte, de forma hexagonal, com uma carantonha à guisa de sudário, por ele mesmo pintada a tinta azul», que, em tardes de bonançoso viver, ia deitar ao ar nos campos, refastelando-se como uma criança, com a altura a que a içava e com as arremetidas do vento, que ele dominava.» (6) E noutro passo: «Para enganar o tédio e a pobreza das encomendas que recebia, distraía-se com as crianças, filhos dos amigos, inventando passatempos ingénuos e deitando papagaios de papel ao ar, com balõezinhos acesos no rabicho. / Certa noite de primavera, a gente de Gaia viu um *senal no céu*, um luzeiro de estrelas a mexer-se como uma serpe, tomando-o por castigo do Senhor ou coisa de bruxedo pelo caminho dos astros. Veio às ruas com clamores, e por último descobriu que o aterrorizante *senal* era uma estrela de papel, içada pelo filho do Caniço. Contou-nos isto uma velhinha que «nunca mais se esquecera daquela correnteza de lumes no firmamento». (6)

Retomando o fio à meada: Por que está o *papagaio* a cair no esquecimento? Tratar-se-á de uma questão de moda? Vamos arrumar o assunto dizendo simplesmente que os tempos são outros?

Fig. 2 — Exemplo da sedução que sobre a criança exercem as novidades mecânicas: *Tractor* — brinquedo de arame. Rio Covo Santa Eugénia (Barcelos), em 16-12-962. — Em certas zonas do Minho são muito frequentes as *motas* (motocicletas), os automóveis e as *corritainas* feitos de madeira, — brinquedos que representam veículos a motor. As *motas* e os automóveis têm direcção manobrável, e dimensões que permitem às crianças montá-los. Usam-nos nos bocados inclinados dos caminhos e das estradas: descem montados, e sobem a pé. As *corritainas*, mais vulgares, apoiam-se contra o ombro direito. De Arcozelo (Barcelos), tenho um *carro* (automóvel) de arame, que, tal como o *tractor*, se guia por meio de «volante». — Na parte baixa do Minho poucas vezes se encontrará hoje o brinquedo *carro de bois*, que ainda em 1958 vi em Lamas de Mouro (Serra da Peneda). Note-se que o carro de bois a sério está longe, em todo o Minho, de perder vigência... Os brinquedos referidos são de construção caseira.



Mas antes de passarmos adiante, convém resumir em duas linhas o pouco da história do *papagaio* que se conhece: Como diz R. Pinon, a tradição erudita do Ocidente atribui aos chineses, ou aos orientais em geral, a invenção deste brinquedo. Tal suposição, ao que parece, baseia-se fundamentalmente no facto de ser no Extremo Oriente que o *papagaio* encontrou sempre o seu clima ideal, desdobrando-se numa grande variedade de formas, dando origem a lendas, associando-se a usos e a crenças. Documentalmente, sabe-se que em 1450 já existia na Alemanha, e em 1606 na Catalunha. Tendo passado da Ásia à Europa

(por via terrestre ou por via marítima, não interessa agora) (7), é a partir desta que, depois, se difunde para a América e para a África.

Mesmo aceitando as datas apontadas acima como pouco posteriores à entrada do *papagaio* nas regiões referidas (e é bom notar que isso não está averiguado, havendo, até, indícios de que foi mais recuada a aquisição desse elemento cultural por vários povos europeus), se vê que em alguns países da Europa ele é conhecido há muitos séculos, e não cometeríamos talvez grande erro se, em vez de «alguns», disséssemos «todos».

Somando a isto a ampla difusão

de que foi objecto, parece forçoso concluir que, como simples brinquedo (lembro que teve aplicações militares e científicas), reunia bastantes atractivos. Digo «reunia», à cautela... E surge, então, de novo, a pergunta: Por que entra em declínio um tão simpático brinquedo?

Diz R. Pinon: «On comprend aussi quelles sont les causes de la désaffection actuelle à l'égard de ce jeu. Sans invoquer la concurrence des avions, fusées et modèles réduits, les *dragons* ont surtout disparu des centres urbains et même de la campagne à cause des fils aériens des tramways, des trolleybus, du téléphone et du télégraphe.

Sans doute, les administrations ont parfois défendu ce jeu, précisément parce que les cerfs-volants terminaient trop souvent leur carrière dans les fils en question. Un règlement communal de Liège l'interdit formellement et totalement en 1892.» (*Ob. cit.*, pp. 512-513.)

Entre nós, poder-se-á dizer que o desinteresse pelo *papagaio* deriva *sobretudo* da rede de fios aéreos? Não creio. No que diz respeito à tracção eléctrica, por exemplo, as cidades portuguesas onde ela existe contam-se pelos dedos da mão.

Bem sei que a Bélgica é um país muito mais industrializado e electrificado que o nosso, e lá, portanto, a rede de fios aéreos deve ser de

malha muito mais apertada que a portuguesa. Natural é, pois, que ali esse factor desempenhe um papel preponderante no abandono do *papagaio*.

Considerando o caso português, inclino-me mais para uma explicação de ordem psicológica e social. Aqui (estou a pensar só nos centros urbanos e nas áreas rurais mais directamente sujeitas à influência deles) o factor decisivo, se me não engano, é a fascinação que sobre a criança exercem as mil novidades mecânicas que, pouco a pouco, se vão tornando familiares, e, nos estratos burgueses, a facilidade de aquisição de brinquedos que as representam. E eu acrescentaria: o aumento de comunicações, o desenvolvimento da instrução, a redução da vida de casa...

Como quer que seja, afigura-se-me fora de dúvidas que o esquecimento a que o *papagaio* está a ser votado não é arbitrário, não é fruto de mero capricho, não é consequência de moda (entendida a palavra no sentido corrente e restrito).

Ao cabo: se não é lícito afirmar que em Portugal foram *sobretudo* os fios eléctricos que deram o golpe de morte no *papagaio*,—por certo podemos ter que também aqui ele é vítima, directa ou indirectamente, da técnica moderna.

No próximo número tirarei dis-to a lição que me interessa tirar.

3 — Mais algumas informações

Consegui mais informações sobre o *papagaio*, depois de publicados os dois artigos que lhe dediquei. Umas colhi-as em Viana do Castelo, interrogando pescadores, barbeiros, crianças, etc., e aí é que me vieram às mãos os elementos relativos a Matosinhos e Afurada (Vila Nova de Gaia), através de dois pescadores. As outras notícias devo-as a alguns leitores, cuja gentileza, mais uma vez, agradeço muito.

A iniciativa desses leitores dá ocasião a que me dirija às pessoas que porventura leiam estas notas, e que tenham conhecimento de quaisquer factos referentes ao *papagaio*, solicitando-lhes a fineza de mos comunicarem.

Dito isto, vou acrescentar, devidamente ordenados, os novos elementos:

Nome: *estrela* (Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo, Matosinhos, Afurada, Condeixa-a-Nova), *raia* (Vila Nova de Cerveira, Matosinhos), *arraia* (Matosinhos), *papagaio* (Viana do Castelo, Condeixa-a-Nova), *bacalhau* (Vila do Conde, Afurada), *gaivotão* (Viana do Castelo), *avião* (Viana do Castelo). No primeiro artigo, por lapso, ao arrumar os informes obtidos em Vila do Conde, omiti a denominação *bacalhau*, incluindo erradamente a forma de bacalhau entre as que aí recebem o nome de *estrela*.

Forma: *estrela*—hexagonal; *raia*

e *arraia*—romboidal; *papagaio* (Viana do Castelo)—romboidal ou quadrado; *papagaio* (Condeixa-a-Nova)—dois lados rectilíneos e iguais, formando entre si um ângulo agudo, e um terceiro lado, o superior, arqueado; *bacalhau*—feitio do peixe que lhe dá o nome; *avião*—feitio variável, pelo que me disseram, mas sempre inspirado no do «padrinho». Vi o esqueleto dum *avião*, composto por três fasquias que pareciam figurar a cruz de Lorena.

Em Viana do Castelo há um homem que faz *papagaios* prismáticos celulares (Mário Branco, rua da Vitória, 8). Fornece bazares do Porto e doutras localidades, e só fabrica quando tem encomendas. O reproduzido na fig. 3 pertencia a um neto dele.

Construção do brinquedo: Para a armação, em Viana, usam, indifferentemente, canas ou ripas delgadas. Cobrem-na, dum modo geral, com papel de seda, mas, por vezes, empregam pano ou papel de jornal. É corrente lá fazerem desenhos ou pinturas no papel do *papagaio*. Numa historinha editada no Brasil, e que supponho de autor brasileiro, fala-se dum *papagaio* «com uma careta horrorosa desenhada, para assustar a todos». (14)

Em Vila do Conde, as crianças pobres, quando não conseguiam que as mães lhes fizessem um pouco de grude, substituíam-no por batata cozida ou sabão. A falta de dinhei-

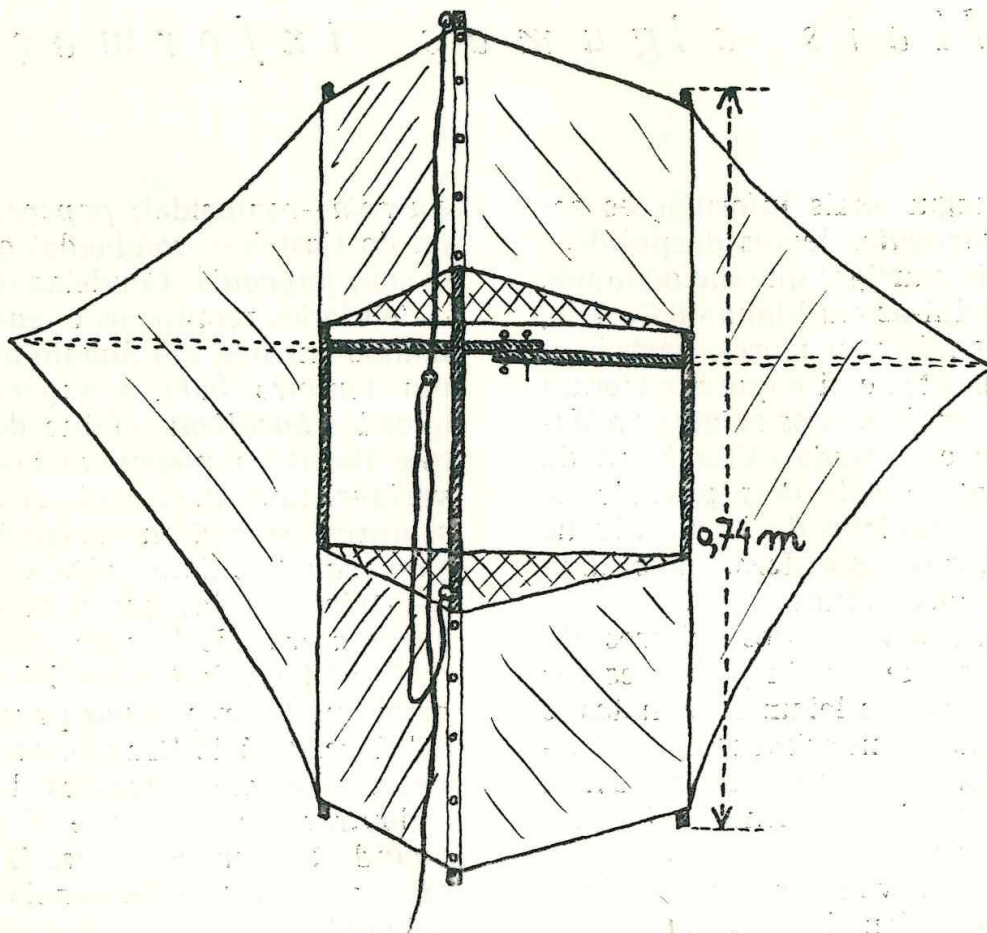


Fig. 3 — *Papagaio* prismático celular (Viana do Castelo). É desmontável e fornecido aos comerciantes dentro dum saco de plástico. Material: ripas finas (secção: $0,006 \times 0,005^m$) e pano. A vara que serve para manter estendidos os dois triângulos laterais de pano — passa dentro de duas pequenas argolas (não visíveis na fig.) fixas nas arestas do prisma donde partem as asas, encaixando as suas extremidades em sacos feitos de carneira (também não visíveis na fig.) cosidos nos vértices.

ro obrigava-as a recorrer também, muitas vezes, ao papel de jornal.

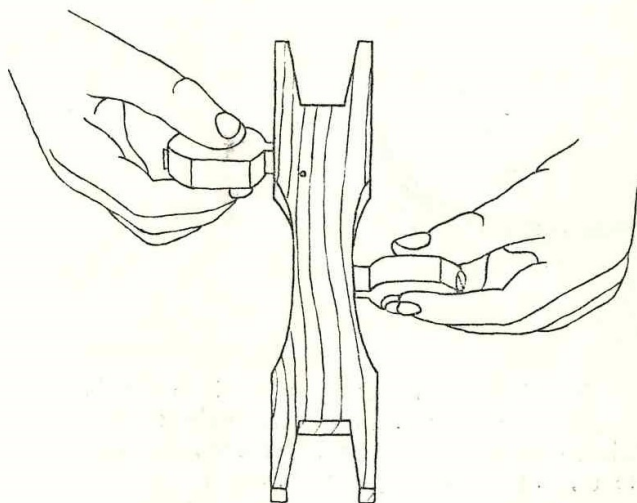
«Se o *rabo* não tiver a *temperatura* o *papagaio* não se segura bem» — disseram-me em Viana.

Em Esposende chamam *compasso da zoeira* aos três fios que, por um lado, se atam em um nó ao cordel de segurar o brinquedo, e que, pelo outro lado, separados, se vão ligar a pontos distintos do *papagaio*.

Estes fios em Viana são conhecidos por *guias*. Aqui, o cordel por meio do qual a criança prende o *papagaio*, quando o tem no ar, recebe o nome de *tança*. Actualmente o fio de «nylon» é o material preferido para a *tança*.

O fabricante de *papagaios* prismáticos celulares faz também *carriños de enrolar a tança*, que lembram certos apetrechos de pesca.

Fig. 4— *Carrinho de enrolar a tança*. Cada uma das pegas gira em volta dum eixo (parafuso), fixo na peça central. Nesta vê-se um pequeno orifício (em cima, à esquerda), por onde se prende uma das extremidades da *tança*, que depois é enrolada. Mantendo a mão esquerda firme, faz-se girar o *carrinho* com a mão direita, num sentido ou noutro, conforme se quer subir ou descer o *papagaio*.



A fig. 4 mostra um, e a legenda respectiva explica o seu funcionamento.

Outras particularidades: As crianças costumam fazer subir um pequeno papel pelo fio também em Vila Nova de Cerveira (*deitar um telegrama*), Viana (*deitar um telegrama*) e Afurada (*botar uma vesita*).

Em Vila do Conde havia o costume de conservar o *sol* no ar durante vários dias, preso o cordel a uma janela, por exemplo. Regra geral, terminava a brincadeira apenas quando o fio rebentava. Para aumentar a resistência deste, que, normalmente, era barato e ordinário, passavam-no por estearina.

O *papagaio* usado em Condeixa-a-Nova só com vento forte se conserva bem no ar; nos dias serenos a criança tem de correr sempre para ele não cair.

Curiosíssima, a meu ver, é esta notícia de Vila Nova de Cerveira: Perto do vértice do *compasso*, usam prender ao fio a tampa duma

lata de pomada para calçado, previamente dobrada pelo meio, passando o cordel por dois furos. (Fig. 5) O vento, entrando pela pequena fenda, produz uma zoadá. Quer isto dizer que temos *papagaios* musicais!, tão raros fora do Oriente, como se vê em R. Pinon.

Vila Nova de Cerveira (permito-me lembrar) fica na margem esquerda do rio Minho, alguns quilómetros a jusante de Valença. Como não ligar este facto com o que disse na nota 7, a propósito da controversa acção dos marinheiros portugueses na introdução do *papagaio* na Europa? O estar Vila Nova de Cerveira a dois passos de Caminha (porto que desempenhou um papel de relevo durante a época dos descobrimentos e nos séculos seguintes) bastaria para justificar tal associação de ideias. Há mais, porém: «Até Valença, a 25 quilómetros da boca, ainda nos meados do século XV subiam navios de outras nações, possuindo o porto embarcações suas que mantinham tráfico

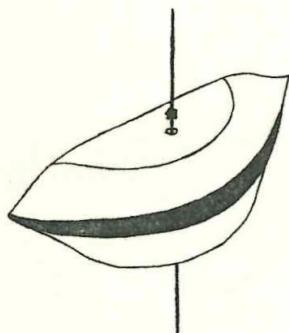


Fig. 5— O instrumento usado em Vila Nova de Cerveira para produzir zoadá. Ali, costumam também as crianças servir-se das mesmas tampas para obter a zoadá, independentemente do *papagaio*. Fazem um orifício a meio da dobra da tampa, e atam-lhe um fio. Segurando este pela outra extremidade, e imprimindo-lhe um movimento rápido em volta da mão conseguem o efeito desejado.

bastante activo com gentes estrangeiras e nacionais.» (15)

Para terminar, acrescentarei também algumas palavras às que já escrevi sobre o declínio do *papagaio*.

Reparou o leitor numa gravura inserta na página desportiva de *O Comércio do Porto* de 23 do mês próximo passado? Dizia a legenda: «O senhor Barry O'Connell, que é instrutor de esqui aquático da princesa Margarida e do Lorde Snowden, surpreendeu os espectadores

de uma competição internacional com um... voo, como a gravura documental. Com a ajuda de um «papagaio», de armação de ferro, o professor cometeu uma bela proeza, que, agora, está a ter imitadores por cima das águas inglesas.» O desporto tem forças para tudo: até para ressuscitar o *papagaio*! Julgo, no entanto, que este novo emprego do *papagaio*, por muita repercussão que venha a ter, não revivificará o brinquedo em si.

Disse-me um velho pescador de Viana que hoje as crianças não ligam nada ao *papagaio*. E explicou logo que foram os fios aéreos os responsáveis por este desinteresse. Além de que: «Como já não há *casas de meninas*, os rapazes quando chegam aos catorze anos andam ocupados noutras coisas...» Na verdade, os fios aéreos, em Portugal, devem ter contribuído mais do que eu imaginava para o abandono do *papagaio*. Esqueci-me do seguinte: quando não havia fios nas povoações, a criança podia lançar o seu *papagaio* na própria rua em que habitava, desde que esta fosse suficientemente larga. De qualquer modo, nunca teria de andar muito a fim de encontrar local apropriado para o efeito...

O ESTUDO DAS NOSSAS TRADIÇÕES

O povo é que é o depositário, o guarda e o cultor da tradição, do estilo e do gosto de um país. / E nós sustentamos que uma simples canga dos bois minhotos, ou uma bilha da Beira, daquelas com que as mulheres de Coimbra vão buscar água ao Mondego, tem mais carácter artístico e mais valor etnológico do que as patenas e as custódias de D. João V, todas juntas.

1882. RAMALHO ORTIGÃO (8)

As investigações que humildemente ousou sugerir aos futuros contribuintes deste repositório de estudos, são hoje mais do que nunca de importância vital não só para a riqueza, mas para a honra, para a dignidade, talvez pudesse acrescentar — para a independência da Pátria.

1890. RAMALHO ORTIGÃO (9)

O *papagaio* — um brinquedo tão sadio, tão capaz de arrastar a imaginação para o sonho, que parecia pairar acima de todas as contingências e transformações terrenas — o *papagaio* morre (vimos em artigo anterior). A intensa inovação que avassala o mundo não acaba apenas com moinhos de vento, teares caseiros, arados, barcos rabelos. De cambulhada, muito mais rapidamente do que se imagina, levou, leva, ou levará os *milagres* pintados, os lenços de mão bordados, os *papagaios*, as encomendações das almas, as malhadas, os *testamentos* do Judas, — e, logo, qualquer destas coisas podia ser o pretexto das presentes reflexões.

A tal respeito, já não temos o di-

reito de alimentar dúvidas: a passos gigantescos, a evolução está-se a dar à nossa vista. E que espécie de futuro nos espera? O da instrução? O da abundância? O duma mais justa e humana distribuição de riquezas? Seguramente. Mas que dique oporemos nós à acção niveladora, à simplificação, à monotonia de padrões que a técnica possibilita? Ou não devemos considerar a variedade como uma riqueza preciosa? Neste caso: a variedade de estilos de vida, de formas artísticas, de culinária, de vestuário, de habitação, de tantas coisas, em suma, que adquiriram expressões peculiares dentro dos vários condicionalismos culturais e ecológicos. Não devem os diferentes povos preservar os aspectos

da sua individualidade susceptíveis de preservação? Alguns têm entendido que sim.

E nós? Por quanto sei, estamos longe, neste particular, de poder confiadamente aguardar o futuro. Surgem, de vez em quando, gritos de alarme. Dispersos, isolados no tempo e no espaço, — apesar da autoridade de quem os subscreve, da razão em que se firmam, do patriotismo e da veemência que os anima, — não deixarão nos ouvidos dos responsáveis senão uma vaga ressonância.

Não está no meu espírito a ideia de uma acção tendente a segregar zonas ou estratos sociais, vedando-lhes o acesso às vantagens reais e evidentes que o progresso traz consigo. A meu ver, mesmo, qualquer pessoa lúcida e consciente repelirá tal ideia.

Se procurarmos, por exemplo, manter vivas, e não adulteradas no essencial, certas festas e algumas espécies de artesanato — manifestações de alegria, de espírito satírico, do modo de ver e sentir as coisas, — e se o fizermos com bom critério, de maneira a não cair em algo que, nem de longe, faça lembrar os «ranchos folclóricos», que é o mesmo que dizer: de maneira que cada uma dessas coisas continue preenchendo a função que tem preenchido (10), —tenho por certo que não se atraiçoa nem o futuro nem o passado.

Se estendermos a muitos outros edifícios a protecção que actualmente vigora para aqueles classificados de monumentos nacionais, — alargando e actualizando essa classificação, considerando a arquitec-

tura popular merecedora de cuidados idênticos aos que vai merecendo a erudita, defendendo não só edifícios (pedras soltas), mas também ruas, praças, conjuntos de ruas e praças, povoações (tabuleiros), na cidade ou no campo, — faremos obra, a meu ver, de quem respeita o passado (o que tem de respeitável) e acredita no futuro (como a esperança no-lo entremostra, apesar de tudo).

Se estudarmos em profundidade estas coisas e tudo o mais que cabe no âmbito da Etnografia; se levarmos para os museus os carros, as embarcações, os *milagres* pintados, os arados; se, finalmente, criarmos museus etnográficos ao ar livre...

Mas não temos museus, etnógrafos, estudiosos, coleccionadores? Não duvido responder, a quem tal objecção levantar, que tudo o que temos não chega para a magnitude da tarefa, que é urgentíssima! Bem sabem todos quantos se dedicam a estes assuntos que se perdeu já, irremediavelmente, um rol numerosíssimo de coisas. Em poucas palavras, a situação, até onde conheço, é a seguinte:

Os museus, especialmente os da província, por falta de verbas, por falta de instalações adequadas, por falta de pessoal, — não funcionam, quer dizer: não podem, na emergência, oferecer colaboração que mereça, ao menos, o qualificativo de satisfatória. Têm o que têm (por via de regra, a monte, — e lá se vai também a função pedagógica!), e a sua actividade gira em volta da vassoura e do livro dos visitantes.

Quanto a etnógrafos, sabe-se que a maior parte são amadores, e têm outros modos de vida. Sem subsídios, longe das bibliotecas muitos deles, sem centros de informação e de trabalho (como deviam ser os museus), — não há cooperação de esforços entre eles. Se é certo que, dum modo geral, um bom espírito de camaradagem os une, não é menos certo que alguns fazem caixinha... Daí, em parte, que quase não haja entre nós verdadeiras «équipes» de trabalho — cuja existência traduz maturidade, no dizer, a meu juízo muito acertado, do prof. argentino Augusto Raul Corázar. (11)

A fim de não alargar demasiado a extensão do artigo, formularei ainda algumas questões, deixando as respostas (que, aliás, não se me afiguram difíceis) no tinteiro:

Que etnógrafo, que museu, que repartição, que entidade no nosso país pode defender do abandono e da destruição, por exemplo: os palheiros de Mira, da Costa Nova e da Tocha (12), os espigueiros do Soajo e do Lindoso, a ribeira de Vila do Conde, as casas antigas de Guimarães, o largo do Apoio em Barcelos (13)? Quem demarca as zonas urbanas com interesse etnográfico e artístico, e exerce sobre elas a rigorosa protecção que se impõe? Pelo que vemos todos os dias...

A protecção do artesanato, tal como vai correndo (sem uma organização, ao sabor de inspirações momentâneas, parece), beneficia o artista popular ou o intermediário? Há garantias de que, à sombra da protecção ao artesanato, não se

protege a mais chilra produção industrial?

E não obstante, como disse atrás, não falta quem veja e sinta o problema, não falta quem tenha — com gosto, senso e consciência — chamado a atenção do público para ele. Considerando-o no todo, ou visando aspectos particulares, dedicando-lhe artigos, ou apontando-o mais rapidamente, muitos etnógrafos e escritores se lhe têm referido: José Régio, Fernando Galhano, Manuel Mendes, Guilherme Felgueiras, Luís de Pina, etc., etc..

Rematarei com algumas transcrições dum ensaio do prof. Jorge Dias — *A Etnografia Como Ciência*, publicado no n.º 1 da *Revista de Etnografia*:

«No nosso País a evolução industrial está-se a realizar agora; caiu de repente sobre nós, sem para tal estarmos preparados.»

«Nós, portugueses, estamos não nas vésperas, mas em plena fase de perdermos toda essa riqueza do passado. Se não correremos rapidamente a salvar o que resta, seremos amargamente acusados pelos vindouros, pelo crime indesculpável de ter deixado perder o nosso património tradicional, dando mostras de absoluta incúria e ignorância.»

«Um museu do povo português ao ar livre e museus regionais pelo país seriam acima de tudo, um elemento fundamental para a educação da nossa juventude, despertando nela o respeito pelo passado cultural do nosso povo. Seria assim um elemento de coesão e de integração das gerações futuras dentro da linha de tradição da nossa cultura.

Então já não haveria o mesmo perigo de o progresso económico e industrial ser uma subversão da nossa tradição. Progredia-se, mas sabia-se que sob esta uniformidade planificadora da vida presente, existiu qualquer coisa de profundo que caracterizava o povo português em relação aos outros povos. Se o não fizermos, daqui a duas gerações podemos ser um povo descaracterizado e profundamente pobre, se bem

que mais próspero e mais rico de bens materiais.»

Apetecia-me pedir a todos os senhores ministros, deputados, membros das juntas distritais, presidentes das câmaras municipais e vereadores que lessem este ensaio do prof. Jorge Dias. O aviso está ali com toda a clareza: Os vindouros acusar-nos-ão! Em particular, aos etnógrafos? aos escritores? A quem?

N o t a s

(1) Separata de *Mélanges de Linguistique Romane et de Philologie Médiévale offerts à M. Maurice Delbouille*, Gembloux, 1964.

(2) Separata de *Actas do 1.º Congresso de Etnografia e Folclore (Braga-1956)*, Lisboa, 1963. Em relação a este, até certa altura, apresenta poucas diferenças o estudo, assinado pelo mesmo autor, *Brinquedos*, incluído em *A Arte Popular em Portugal*, 3.º vol., Lisboa, s. d., pp. 259-292. O primeiro tem, no fim, mais um capítulo, e as gravuras são diferentes.

(3) Bibliografia especializada, entenda-se. Nem a definição do *Dicionário* de Moraes, nem uns versos de Faustino Xavier de Novais invalidam a minha afirmação.

(4) *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, 1962, p. 561.

(5) Luís Chaves, *A Inspiração Folclórica na Obra de Rafael Bordalo Pinheiro*, Lx.ª, 1937, p. 37.

(6) Diogo de Macedo, *Soares dos Reis—Sua Vida Dolorosa*, Lisboa, 1943, pp. 67 e 100. Sant'Anna Dionísio refere-se num artigo (*O Céu de Santo Ovídio*, in *O Primeiro de Janeiro*, 14-5-63) ao costume de Soares dos Reis lançar *estrelas* durante a sua adolescência.

(7) Sem pretender tomar partido no debate, presumo que o estudo do *papagaio* em Portugal poderia contribuir para esclarecer a questão: Foi por via terrestre ou por via marítima que ele entrou na Europa? Pergunto ainda: Não será de admitir a hipótese de, ao mesmo tempo que, por terra, avançava de Leste para Oeste, — ter chegado, por mãos de marinheiros portugueses ou espanhóis, às praias ocidentais, e, a partir destas, ter penetrado no continente, em sentido contrário?

Os elementos relativos a Vila do Conde, publicados no artigo anterior, colhi-os numa

alfaiataria daquela praia, conversando com oficiais e aprendizes. Vim com a impressão de que, investigando, outros muitos seria possível colher ali. Fico a pensar, evidentemente, se esta relativa abundância de notícias sobre o *papagaio* numa terra onde se armaram muitos barcos para as nossas empresas marítimas, e que deu homens que se distinguiram na carreira da Índia, da China e do Japão, — será uma simples coincidência.

(8) In *As Farpas*, XI, Lx.ª, 1956, p. 170.

(9) In *Arte Portuguesa*, III, Lx.ª, 1947, p. 144.

(10) Sem dúvida, no que diz respeito ao artesanato, isto é difícil, se não impossível. Quando o comprador tradicional é substituído por um outro tipo de clientela (coleccionadores, burgueses que, por seguirem a moda, usam coisas «rústicas» na decoração das suas casas, etc.), infalivelmente, na maior parte dos casos, também a função primitiva é substituída por outra. Não sei, em tais circunstâncias, que posição deve tomar o etnógrafo. A partir de que, em relação a determinados objectos de fabricação caseira, se verifiquem as substituições referidas, será lícito ainda atribuir-lhes mais que um valor puramente económico? Em caso afirmativo, levanta-se um sem número de problemas.

Basta, a título de exemplo, ver o que se está a passar com as louças de Barcelos: No estrangeiro (a desmesurada ampliação dos mercados correlaciona-se com estas transformações) têm, segundo me dizem, muito maior aceitação os produtos da indústria que os do artesanato. Por não existir uma propaganda e um comércio deste devidamente organizados? Até agora, com raras excepções, a arte dos baristas de Barcelos pouco tem interessado os negociantes da estranja: Preferem os produtos industriais (na sua grande maioria, absoluta-

mente desprovidos de qualquer genuíno cunho regional), encomendam *músicos* «pequenos e perfeitos», fornecem modelos do que pretendem... Mostram bem o que os traz para estes lados: o baixo custo da produção. Onde se poderá dizer que não se vendem as louças de Barcelos, mas outras, que são as que os compradores encomendam. O conhecido Mistério, nesta altura, está a fazer «bonecos de Estremoz»... para um comerciante qualquer.

(11) Discurso proferido na sessão de encerramento do Congresso Internacional de Etnografia — Santo Tirso — 1963, — in *Revista de Etnografia*, vol. II, t. I, p. 208.

(12) Ver o artigo de Fernando Galhano, *A Propósito dos Palheiros do Litoral Central*, in suplemento *Cultura e Arte*, de *O Comércio do Porto*, 14-5-63. Ninguém defende os palheiros, mas, em contrapartida: «...são os próprios organismos oficiais que, com a proibição da sua reparação, condenam o

palheiro a um irremediável desaparecimento.»

(13) O largo do Apoio, em verdade, já sofreu o primeiro golpe com o alargamento da rua do Visconde de S. Januário. A profunda remodelação, actualmente em estudo, do edifício da Câmara Municipal, por razões que seria fora de propósito referir aqui, deve acabar com ele. Conheço aquela rua antes do alargamento apenas por uma estampa (J. Mancelos e A. Soucaux, *Barcelos*, Barcelos, 1927). Terão ficado mais fotografias?

(14) *A Fada e o Bruxinho*, colecção *Historinhas Semanais*, n.º 291, S. Paulo, 3-3-64.

(15) António Sérgio, *Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal*, Lx.^a, s. d., p. 151. Sobre a importância de Caminha no passado, e a sua decadência presente ver Jorge Dias, *Minho, Trás-os-Montes, Haut-Douro*, Lisbonne, 1949, pp. 45-46.

biblioteca
municipal
barcelos



68407

○ papagão | ○ estudo das
nossas tradições